

A CULTURA DE AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS E SEUS RISCOS A SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Renata de Oliveira Santos¹
Vanuza Mendonça da Silva²
Amanda Gaião Lima³
Denise Cristina Ferreira⁴

RESUMO

A automedicação tem sido objeto de muitas pesquisas e assume atualmente uma importância ainda maior quando é direcionada aos idosos, pois geralmente representam um grupo vulnerável ao acesso e a ideia do automedicado. Este estudo teve como objetivo analisar a prática de automedicação. É uma prática comum na população que chega a ser maior em idosos, uma forma de autocuidado. O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório por meio de uma revisão integrativa. Para o desenvolvimento deste artigo buscamos analisar fontes de publicações nacionais com temas relacionados a prática de automedicação em idosos por meio da literatura especializada incluindo revistas e artigos científicos. Através do portal da biblioteca virtual de saúde (BVS), que possui sites como: SCIELO, LILACS, MEDLINE e entre outros a partir dos descritores: saúde do idoso, e fatores de riscos em automedicação. De acordo com os objetivos propostos inicialmente neste estudo, abordaremos os resultados e discussão da pesquisa realizada. O envelhecimento traz consigo alterações fisiológicas devido a mudanças em órgãos e tecidos que causam doenças degenerativas e crônicas. Portanto, conclui-se que a automedicação é um problema de saúde pública, visto que o uso de fármacos sem assistência profissional pode agravar a saúde vulnerável do idoso, sendo assim, o acompanhamento com a educação contínua em saúde é necessária para a manutenção da vida do paciente.

Palavras-chave: Idosos, Automedicação, Envelhecimento, Riscos, Cultura.

INTRODUÇÃO

A população idosa tende-se aumentar a cada ano. Com isso, tornam-se cada vez mais necessárias medidas que venham a garantir um envelhecimento com qualidade, já que nessa população existe maior agravamento de doenças crônicas, como hipertensão arterial sistêmica

¹Graduanda do Curso de Enfermagem da União de Ensino Superior de Campina Grande – UNESC - Faculdades, [renata.obs@hotmail.com\(1\)](mailto:renata.obs@hotmail.com);

²Graduanda do Curso de Enfermagem da União de Ensino Superior de Campina Grande – UNESC - Faculdades, [vanuza.mendonc@gmail.com\(2\)](mailto:vanuza.mendonc@gmail.com);

³Graduanda do Curso de Enfermagem da União de Ensino Superior de Campina Grande – UNESC - Faculdades, [amandagaiaoadm@gmail.com\(3\)](mailto:amandagaiaoadm@gmail.com);

⁴Doutoranda em Ciências Sociais Universidade Federal de Campina Grande e professora da União de Ensino Superior de Campina Grande – UNESC - Faculdades, [denisecristina20_cg@hotmail.com\(4\)](mailto:denisecristina20_cg@hotmail.com);

e diabetes mellitus, que são as mais comuns nessa parcela populacional, tornando-a consumidores de múltiplos medicamentos, segundo estudo realizado por Pereira et al. (2017)

A automedicação é uma forma de autocuidado, entendida como manutenção da saúde, prevenção de enfermidades, tratamento de doenças ou sintomas percebidos pelas pessoas, sem a prescrição, orientação ou acompanhamento do médico. É uma prática comum na população brasileira (PEREIRA et al., 2017).

Diante destas considerações e levando em consideração o contexto atual, iniciamos este artigo propondo uma breve reflexão acerca da prática de automedicação em idosos. Uma vez que, cabe a tal profissional atender as necessidades sociais procurando promover a saúde e a prevenção das doenças acompanhando o indivíduo em sua recuperação e se preocupando com a saúde da sociedade.

A medicação pode ser prescrita por profissionais capacitados, que é comum ao tratamento de doenças crônicas que surgem nesta fase da vida, acrescenta-se o comportamento culturalmente apreendido de tratar determinados sinais e sintomas com o uso de medicamentos ou remédios que são indicados por pessoas não qualificadas para esta finalidade. Tem sido descrita na literatura como um problema da atualidade devido às inúmeras intercorrências advindas de reações adversas e sua repercussão nos custos para o sistema de saúde (BARROS, et al., 2007).

De acordo com a definição da ANVISA, a automedicação ocorre quando há o uso de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas para algum problema de saúde em geral não diagnosticado ou clinicamente identificado.

Segundo o MS, muitas vezes a medicação é vista como uma solução para o alívio imediato de alguns sintomas que pode trazer consequências mais graves do que se imagina. Entre os riscos mais frequentes para a saúde daqueles que estão habituados a se automedicar estão o perigo de intoxicação e resistência aos remédios. Todo medicamento possui riscos que são os efeitos colaterais. Do qual pode levar a pessoa a um quadro mais grave ou até mesmo o desenvolvimento de novas doenças.

Teles Filho et al. (2013) Fala que os idosos se automedicam apenas por ser mais prático para o manejo dos problemas de saúde que identificam como simples e, ainda defende, que é dever dos profissionais da área da saúde, orientar a população no uso racional dos medicamentos, capacitando o idoso para lidar com os possíveis efeitos colaterais e interações medicamentosas.

METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório por meio de uma revisão integrativa. O estudo bibliográfico trata-se de uma elaboração apurada sobre determinado tema com material já elaborado constituído principalmente de artigos científicos (SEVERINO, 2007). Já a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como: artigos, teses e entre outros (GIL, 2008). Trata-se também de uma pesquisa descritiva por ter como objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno. Uma vez que, a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlacionam fatos ou fenômenos (BARROS; LEHFELD, 2005).

Para o desenvolvimento deste artigo buscamos analisar fontes de publicações nacionais com temas relacionados a prática de automedicação em idosos por meio da literatura especializada incluindo revistas e artigos científicos. Através do portal da biblioteca virtual de saúde (BVS), que possui sites como: SCIELO, LILACS, MEDLINE e entre outros a partir dos descritores: saúde do idoso, e fatores de riscos em automedicação. Para o desenvolvimento da análise integrativa, inicialmente foi escolhido 80 artigos e foram, portanto selecionados 13 artigos referente à temática específica. Estes procedimentos permitiram a análise e discussão dos resultados encontrados, com base na literatura pertinente à temática com análise nacionais.

ENVELHECIMENTO, AUTOMEDICAÇÃO E A ENFERMAGEM

Quando falamos sobre o idoso na sociedade brasileira é fundamental citar os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2017), a nossa sociedade está envelhecendo cada vez mais. Atualmente o nosso país é considerado um jovem grisalho, mostrando que a população em 2012 com 60 anos ou mais era de 25,4 milhões e que cada ano apresenta um crescimento de 18% de novos idosos, tornando uma população representativa no

Brasil. Esses dados caracterizam uma mudança na pirâmide da população brasileira, presupondo um crescimento relevante e quantitativo entre a população idosa e jovem.

Desse modo, percebemos que o envelhecimento da população a nível mundial tem crescido nas últimas décadas em grande escala, desse modo, é importante ficar atento às questões que envolvem o adoecimento dessa categoria de indivíduos. Já que o envelhecimento trás consigo doenças crônicas que precisam e merecem tratamento. Diante disto, a automedicação é uma prática muito comuns e vivenciadas por inúmeras civilizações e de todas as épocas. Por vezes, é uma iniciativa do doente ou mesmo do responsável e/ou familiares à automedicação por acreditar que tratará benefícios ao tratamento da doença ou mesmo alívio dos sintomas (BARROS, et al., 2007).

Notamos que no Brasil existe uma relação cultural sobre o processo de automedicação que esta associada aos processos políticos, sociais e econômicos, o que de algum modo contribui para a difusão da automedicação. Outro fator importante trata-se da influencia da mídia, os meios de comunicação também contribui muito com o estímulo diário ao processo de se automedicar, uma vez que, explora o desconhecimento da população incentivando o consumo sem se preocupar com os efeitos colaterais (NASCIMENTO, 2003).

Desse modo, uma automedicação inadequada e sem a prescrição e acompanhamento pode trazer consequências maléficas e pode também ter efeitos indesejáveis para a vida destes indivíduos. Causando enfermidades iatrogênicas e muitas vezes aliviando sintomas de doenças que podem causar a morte. Portanto, é evidente o risco dessa prática que está relacionado diretamente ao grau de instrução e informação dos usuários e bem como questões que envolvem o sistema de saúde.

Assim, cabe ao **PROFISSIONAL DA ENFERMAGEM** orientar o idoso sobre os riscos e malefícios desta prática. Ouvir e identificar onde realmente se faz necessário uma intervenção médica quando se pode evitar um risco maior com apenas uma orientação.

No âmbito da assistência de enfermagem, os erros mais frequentes a ela relacionados ocorrem na administração de medicamentos; por falta de orientação. Esse conhecimento é relevante para estabelecer articulações entre os serviços hospitalares, desencadear ações de educação em saúde, contribuir para a redução da mortalidade associada a eventos adversos graves e melhorar a qualidade de vida de pacientes e profissionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os objetivos propostos inicialmente neste estudo, abordaremos os resultados e discussão da pesquisa realizada. O envelhecimento traz consigo alterações fisiológico devido mudanças em órgãos e tecidos que causam doenças degenerativas e crônicas. Portanto, é comum nesta faixa etária a utilização de medicamentos que auxiliam no tratamento de sintomas. A cultura social em que vivemos tem por hábito realizar a automedicação, o que em idosos pode tornar o quadro mais grave, trazendo mais risco que benefícios à saúde (TELES FILHO et al, 2013).

A automedicação é um fenômeno potencialmente prejudicial à saúde afinal, nenhum medicamento é totalmente benéfico ao organismo, o alívio momentâneo dos sintomas encobre a doença que pode passar despercebida e, assim, progredir. Além disso, uso indevido de medicamentos pode acarretar diversas consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo e ainda aumentar o risco para alguns tipos de neoplasias (SANTOS et al., 2013)

No estudo realizado por Pereira et al. (2017) em uma população de idoso ativa, a prática da automedicação foi comum para 77% sendo o uso de analgésicos e antitérmicos realizada por 56,2% e desencadeada pela cefaleia em 66,7% dos casos, tendo a propaganda forte influência em 58% dos casos. Filho, Almeida e Pinheiro (2013) relatam que a mídia é uma importante influenciadora de forma a estimular a automedicação, pois 62% dos idosos do seu estudo afirmaram que se automedicaram incentivados pela publicidade acerca dos medicamentos.

Silva e Duarte(2016) em pesquisa realizada com 34 idosos, moradores do município de Valparaiso de Goiás verificou que 61,8% realizam automedicação. Ou seja, não leva em consideração os fatores de risco que podem ser evitados através de uma avaliação profissional.

No estudo de Santos, Nogueira e Oliveira (2018) constatou-se que as classes terapêuticas mais utilizadas foram analgésicos (31,9%), relaxantes musculares (13,8%), antiinflamatórios (13,0%) e anti-histamínicos de primeira geração (7,2%). Os sintomas tratados com automedicação mais referidos foram dores musculares e articulares, cefaleia, gripes e resfriados.

É bastante comum nessa fase da vida o consumo de analgésicos por automedicação considerando que está relacionado ao tratamento da dor e inflamação, sintomas comuns nessa fase devido as alterações fisiológicas e doenças crônicas. Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) são os mais utilizados para o alívio dos sintomas de reumatismo inflamatório, osteoartrite e dores comuns como cefaleia, por exemplo. Ely et al (2015) observou em seu estudo que quanto maior o uso de medicamentos em geral, maior o uso de anti-inflamatórios e analgésicos. Um fato preocupante na sua pesquisa foi a associação do uso de anti-inflamatórios e analgésicos com o relato de doença hepática, uma vez que a utilização desses medicamentos deve ser feita com precaução nestes pacientes. Principalmente o uso do paracetamol, considerado nos protocolos atuais, como primeira escolha de analgésico para dor leve, contudo é um dos analgésicos com maior hepatotoxicidade.

Oliveira et al (2018) chegou à conclusão semelhante em seu estudo onde demonstrou que os medicamentos mais utilizados por idosos que fazem a automedicação foram relaxantes musculares de ação central, analgésicos, antipiréticos, anti-inflamatórios e antireumáticos não esteroidais. No entanto, outro dado importante da sua pesquisa mostrou que 55,5% dos idosos utilizaram medicamentos inadequados para sua faixa etária de acordo com os critérios de Beers de 2015 e que 56,9% utilizam medicamentos que apresentavam duplicidade terapêutica com os medicamentos prescritos.

Ely et. al., 2015 observou uma associação entre o uso de anti-inflamatórios e analgésicos com a autopercepção de saúde. Contudo uma autopercepção de saúde inapropriada aumenta o uso desses medicamentos. É relevante salientar que a utilização destes medicamentos se encontra relacionado com o nível de dor, no entanto, o uso dos mesmos deve ser bem avaliados devido aos inúmeros efeitos adversos no organismo idoso e diversas interações medicamentosas.

Carvalho C. S., Carvalho A. S. e Portela (2018) analisaram os dados de 50 idosos, em farmácias localizadas na cidade de Vitória da Conquista e verificaram que apenas 6% dos idosos utilizam algum AINE diariamente, 50% destes relatam consumo eventual e 44% dizem consumir raramente. Entre os entrevistados apenas 42% afirmaram sentir algum efeito indesejável.

Em contrapartida, Gusmão et al (2018) em seu estudo com idosos em Montes Claros-MG identificou que 92,4% realizam automedicação com prevalência numa faixa etária de 60 até 66 anos. As medicações de maior utilização foram os anti-hipertensivos e anti-inflamatórios. Já Costa e Miceli (2015), em estudo semelhante em Curvelo-MG mostrou que

a população pesquisada apresenta altos níveis de compra de analgésicos, devido à facilidade de acesso a estes medicamentos.

Secoli et al (2018) verificou nos anos de 2006 e de 2010 além do uso de medicamentos nível 1, (dipirona, polivitamínicos, diclofenaco e ácido acetilsalicílico), uso de medicamentos potencialmente inapropriados como a dexclorfeniramina, bisacodil, escopolamina, carisoprodol, diazepam, naproxeno, sulfato ferroso e piroxicam. Contudo esse estudo mostrou uma redução significativa da automedicação de 2006 para 2010. Ainda de acordo com Secoli et al (2018), o próprio idoso foi o principal responsável pela escolha do medicamento usado na automedicação nos anos de 2006 (65,2%) e 2010 (66,5%).

O uso de medicamentos inapropriados para idosos foi encontrado com alta prevalência no estudo de Lutz, Miranda e Bertoldi (2016) em Pelotas-RS, indicando que cerca de 42,4% dos idosos usaram no mínimo um medicamento considerado potencialmente inapropriado com prevalência nos que interfere no sistema nervoso central.

Entre os medicamentos que possuem mais riscos aos idosos foi identificado no estudo de Lopes et al (2016) a utilização de vasodilatadores (25,5%), antidepressivos (21,5%) e inibidores seletivos da recepção de serotonina (17,6%). Medicamentos considerados inapropriados, segundo o estudo, de acordo com a lista de Beers de 2012. Em relação ao uso de medicamentos 89,2% mencionaram uso contínuo e ainda 77% que praticam a automedicação. Quando questionados sobre os sintomas mais comuns para se automedicarem foram predominantemente citados: cefaleia (66,7%) e dor (31,6%). Destes 96,5% afirmaram que se automedicam de uma a duas vezes por semana. Outro dado preocupante encontrado nesse estudo é que 86,4% relataram não ter conhecimento sobre a medicação utilizada.

Gusmão et al (2018) afirma em sua pesquisa que 63,2% dos indivíduos que referiram se automedicar não tem o hábito de conferir a validade dos medicamentos. Uma afirmativa grave visto que a utilização de medicamentos fora do prazo de validade aumenta o risco de uma intoxicação.

Em um estudo no qual foi observado a frequência com que recorreram a automedicação 88% afirmaram ter recorrido mais de 10 vezes ao mês e 12% menos de 2 vezes. Um fato alarmante, visto que os idosos são mais propensos a desenvolver reações adversas aos medicamentos responsáveis por 10% a 20% das admissões hospitalares agudas entre o público idoso. (TELES FILHO et al., 2013).

No que diz respeito aos fatores relacionado a automedicação em idosos, Santos et al (2013) verificou que a prática é mais comum na população não alfabetizada ou com um baixo

grau de escolaridade. Esse dado também foi encontrado em outros estudos (TELES FILHO, et al, 2013), (GUSMÃO et al, 2018). Contudo, Ely et al (2015) não confirmou essa afirmação em sua pesquisa com idosos da Estratégia Saúde da Família do município de Porto Alegre-RS.

Os problemas de ordem social acabam influenciando diretamente o bem-estar físico e mental do idoso como, por exemplo, problemas familiares, as condições culturais, políticas e econômicas. Além disso outro fator relevante é a falha na prestação dos serviços de saúde ofertados, a dificuldade de obtê-los e o acesso facilitado as drogas (SANTOS, et. al. 2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação é uma prática comum em idosos, em sua maioria, sem o uso racional dos efeitos destes medicamentos que trazem riscos e benefícios conforme sua indicação clínica e esclarecimentos impressos, alguns autores associam isso ao grau de escolaridade e a influência das propagandas que são destinadas a este público, que devido ao desgaste fisiológico compartilham de sintomas em comum nessa fase.

Os fatores biopsicossociais e autopercepção do idoso com a saúde sem a devida assistência profissional aumentam a compra dessas medicações para uso diário, contudo, as interações farmacológicas e o uso indevido trazem riscos e consequências à saúde do idoso podendo acarretar em efeitos adversos até o surgimento de outras patologias.

Dentre os fármacos mais utilizados destacam-se os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios não esteroidais devido ao fácil acesso e sua venda livre. Sob análise identificou-se que alguns medicamentos em comum escolha do público são potencialmente arriscados para a saúde do idoso por sua toxicidade e também por agir interferindo no sistema nervoso central.

Portanto, conclui-se que a automedicação é um problema de saúde pública, visto que o uso de fármacos sem assistência profissional pode agravar a saúde vulnerável do idoso, sendo assim, o acompanhamento com a educação contínua em saúde é necessária para a manutenção da vida do paciente, para a efetividade da terapia com o uso de fármacos ciente de seus riscos ao organismo do usuário em sua individualidade e a relevância da reação adversa do fármaco fora do prazo de validade, bem como, faz necessário à fiscalização das propagandas que

incentivam a compra indiscriminada sem a devida preocupação com a questão complexa da saúde na sociedade nos dias atuais, desatentando os devidos esclarecimentos sobre o uso da droga com relação aos riscos e benefícios.

REFERÊNCIAS

COSTA, A. R.; MICELI, B. C. A frequência e o risco de automedicação por idosos do município de Curvello-MG. **Rev. Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://jornal.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/253>>. Acesso em: 20 mar 2019.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Censo Demográfico. Rio de Janeiro (RJ): IBGE; 2017.

BARROS, J.A.C; OLIVEIRA SÁ, M.P.B & SÁ, M.B. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v10n1/08.pdf>. Acesso em: Janeiro de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º Ed. São Paulo: atlas, 2008.

GUSMÃO, E. C. et al. Automedicação em idosos e fatores associados. **Rev. Eletrônica Acervo Saúde**, vol. 11, n. 2, 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.25248/reas.e191.2019>>, Acesso em 14 mar. 2019.

LOPES, L. M. et al. Utilização de medicamentos potencialmente inapropriados por idosos em domicílio. **Ciênc. saúde coletiva** (online), vol.21, n.11, pp.3429-3438, 2016. Disponível em: <10.1590/1413-812320152111.14302015>, Acesso em 12 mar. 2019.

LUTZ, B. H., MIRANDA, V. I. A., BERTOLDI, A. D. Inadequação do uso de medicamentos entre idosos em Pelotas, RS. **Rev. de Saúde Pública**, São Paulo, v. 51, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1518-8787.2017051006556>> Acesso em 10 mar. 2019.

NASCIMENTO, A.C. “**A Persistirem os Sintomas o Médico deveria ser consultado**”. Isto é regulação? Dissertação (Mestrado em saúde coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, S. B. V. et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein Journal**, São Paulo, v. 16, n. 4, 2018. Disponível em: <10.31744/einstein_journal/2018AO4372>. Acesso em 10 mar. 2019.

PEREIRA, F. G. F. et al. Automedicação em idosos ativos. **Rev. De Enfermagem UEPE online**, Recife, v.11, n.12, p. 4919-28, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i12a22289p4919-4928-2017>>, Acesso em 12 mar. 2019.

SANTOS, T. R. et al. Fatores determinantes da automedicação em idosos: Uma revisão sistemática. **Rev. de Enfermagem UEPE online**, Recife, v. 7, p. 831-9, mar., 2013. Disponível em <<http://10.5205/reuol.3934-31164-1-SM0703esp201302>>, Acesso em 12 mar. 2019.

SANTOS, A. N. M.; NOGUEIRA, D. R. C.; OLIVEIRA, C. R. B. Automedicação entre participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade e fatores associados. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 431-9, 2018. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562018021.170204>> Acesso em 12 mar. 2019

TELLES FILHO, P. C. P.; ALMEIDA, A. G. P.; PINHEIRO, M. L. P. Automedicação em idosos: um problema de saúde pública. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p.197-201, 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/7107/5037>>, Acesso em 12 mar. 2019